

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@grupofolha.com.br www.folha.com/tendencias

Campanha da Fraternidade e saneamento

JERSON KELMAN

O papa Francisco convidou as pessoas a se mobilizarem para a Campanha da Fraternidade desse ano afirmando que "o acesso à água potável e ao esgotamento sanitário é condição necessária para a superação da injustiça social e para a erradicação da pobreza e da fome, para a superação dos altos índices de mortalidade infantil e de doenças evitáveis e para a sustentabilidade ambiental".

Oxalá essa manifestação do papa induza os serviços de saneamento, a imprensa, o Ministério Público e as organizações não governamentais a unirem esforços para reverter um quadro de atraso do Brasil em relação a países com renda per capita parecida com a nossa. É preciso transformar intenções em ações.

Na prática, o que precisa ser feito? Primeiro, melhorar a produtividade dos serviços de saneamento. Fazer mais com menos. Os desafios técnicos, econômicos e financeiros devem ser enfrentados com intenso trabalho e persistência, com a consciência de que o problema não se resolve num estalar de dedos. É tarefa para muitos anos.

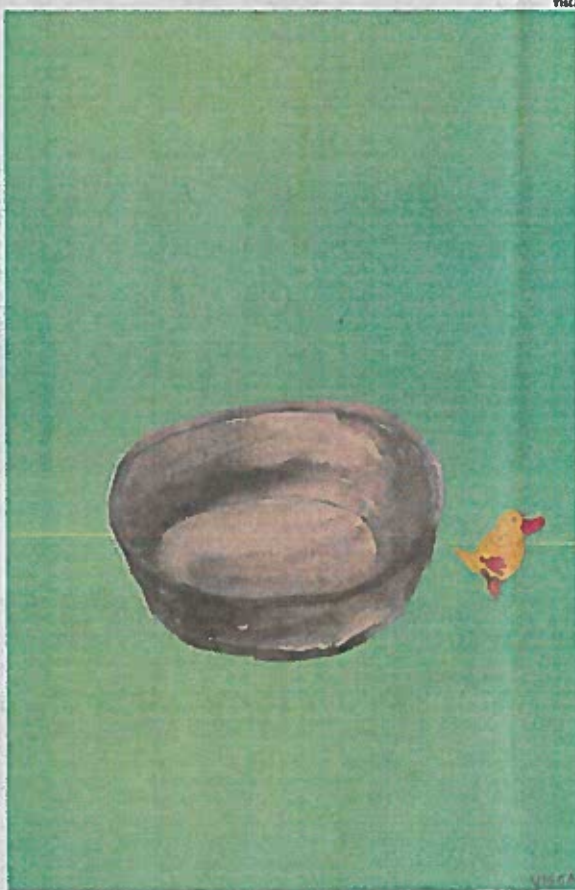
Segundo, compreender que se o objetivo é maximizar o bem-estar da sociedade com os recursos disponíveis, o melhor é priorizar investimentos em tratamento e distribuição de água, depois na coleta de esgoto e por último no tratamento de esgoto. Ou seja, devemos fazer como os países desenvolvidos que, no estágio em que agora estamos, colocaram a saúde das pessoas acima de qualquer outra consideração.

Terceiro, mudar padrões urbanísticos, jurídicos e técnicos para viabilizar a coleta de esgoto nos assentamentos irregulares. Entre o ótimo (regularizar as áreas invadidas) e o bom (atender o que tecnicamente for possível), não devemos optar pelo péssimo (manter o status quo).

Quarto, beneficiar todas as famílias carentes com a tarifa social (cinco litros de água custam menos que um centavo), para que as contas de água estejam adequadas à capacidade de pagamento. Em compensação, a população com maior renda deve exigir um serviço de primeiro mundo e estar disposta a pagar o correspondente custo.

Como todos, os de maior e de menor renda, devem receber idênticos serviços de saneamento, parte do custo do atendimento às famílias humildes tem que ser embutido nas contas dos demais consumidores ou coberto por repasses governamentais, arcados pelos contribuintes.

A conta de água resulta de um "tateio de custos" que considera ex-



A Campanha da Fraternidade deste ano semeia em solo fértil porque a crise hídrica serviu para conscientizar sobre o valor da água

clusivamente o serviço prestado de forma coletiva à população, e não o serviço que deveria ser prestado. Ou seja, o consumidor não paga pelo que não recebe, ao contrário do que muitos pensam.

Por isso, as contas de água em Londres ou Paris — cidades com todos os investimentos para o saneamento já concluídos — são bem mais elevadas do que as contas em São Paulo ou no Rio, onde muito ainda resta fazer.

Por outro lado, os rios Tâmis e Sena são bem mais limpos do que o Tietê ou a baía de Guanabara. Co-

mo é óbvio, não é possível prestar serviço completo com tarifas que cobrem apenas parte do custo do que precisa ser feito.

A Campanha da Fraternidade deste ano semeia em solo fértil porque a crise hídrica serviu para conscientizar sobre o valor da água. Mesmo agora, quando a crise passou, a população mantém os bons hábitos de combate ao desperdício.

Para avançar na solução dos muitos problemas ainda pendentes relacionados ao saneamento devemos seguir o ensinamento de São Francisco de Assis: "comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível".

JERSON KELMAN é presidente da Sabesp e professor do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens pelo e-mail leitor@grupofolha.com.br, pelo fax (11) 3223-1644 e no endereço Al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Operação Lava Jato

O juiz Moro emitiu nota defendendo a regularidade da decisão de condução coercitiva de Lula ("Ação não é antecipação de culpa, diz Moro", "Poder", 6/3). Ora, tal tipo de "defesa" se faz nos autos do processo. Tecnicamente falando, é o que se denomina fundamentação, elemento imprescindível a qualquer decisão. A iniciativa de justificá-la em nota pública leva a duas incômodas conclusões: ou a decisão carece de fundamento, ou está insuficientemente fundamentada. Nos dois casos, se revela irremediavelmente sem legitimidade.

RAUL MOREIRA PIATO (Passos, MG)

Consta que a operação Lava Jato já conduziu coercitivamente 117 pessoas nos seus interrogatórios. Achem os procuradores um absurdo o ex-presidente se rebelar contra a medida já adotada contra outros 116 interrogados. Quer dizer que se a lei é ferida 116 vezes, não há mal nenhum em continuar-se a infringi-la?

LUCIANO R. B. SOUZA (São Paulo, SP)

Um fato a ser observado é como a presidente Dilma foi eficaz em ir visitar Lula ("Após semana 'infernal', Lula e Dilma selam reaproximação", "Poder", 6/3), mas demorou tanto para ir se solidarizar com a população de Mariana, onde teve uma das maiores tragédias recentes do Brasil. Pelas prioridades da mandataria da nação, pode-se verificar que o conduzido pela Polícia Federal teve primazia. Parabéns Ferreira Gullar ("Acima da lei", "Ilustrada", 6/5) pelo ótimo artigo.

REINER CARLOS DE OLIVEIRA (Araçatuba, SP)

Senhora presidente, dê o exemplo de austeridade. Utilize o Skype ou WhatsApp para prestar solidariedade a um companheiro, evitando o deslocamento de uma aeronave e sua tripulação. Afinal, é o povo brasileiro que custeia a máquina pública.

JOSÉ PIPERIS FILHO (São Paulo, SP)

Há na fala do senhor Luiz Inácio ("Lula se oferece para disputar Presidência", "Poder", 5/3) dois aspectos muito reveladores. O primeiro é a crítica às elites e simultaneamente a defesa das empreiteiras. As empreiteiras não são elite? Muitas delas já admitiram os crimes. Por que o senhor Luiz Inácio teria de mencioná-las nessa circunstância se ninguém lhe perguntou nada a respeito? O que será que ele espera delas ao tecer-lhes elogios? O segundo aspecto, extremamente revelador, é a sua autoidentificação simbólica com um animal sorratelo, traçoceiro e venenoso: a jararaca. O que será que ele quis dizer com isso?

JORGE RAMÓN D'ACOSTA RIVERA (São Paulo, SP)

Direitos humanos

Não aguento mais textos defendendo os "direitos humanos" ("Responsabilidade empresarial", Tendências/ Debates, 6/3). A tal Comissão Nacional da Verdade pode ser muita coisa, menos da verdade, já que trata única e exclusivamente de conseguir "reparações" para os que se loqueletam com o dinheiro público nos sindicatos e repartições públicas onde foram instalados pelos esquerdistas de plantão.

ARNALDO OLINTO BASTOS NETO, engenheiro químico (Ribeirão Preto, SP)

▶ LEIA MAIS CARTAS NO SITE DA FOLHA - www.folha.com.br/paineldoleitor

▶ SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: sa@grupofolha.com.br 0800-775-8080 Grande São Paulo: (11) 3224-3090

▶ OMBUDSMAN: ombudsman@grupofolha.com.br 0800-015-9000

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MUNDO (3.MAR, PÁG. A13) Diferentemente do publicado no texto "Moçambique revive crise humanitária", a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) não era apolida

Marta Suplicy

A leitora Marta Katz Migliori questiona quanto custou e quanto custaria, hoje, o plantio de palmeiras realizado na gestão da então prefeta Marta Suplicy (Painel do Leitor, 5/3). Sobre esse assunto, a Folha cometeu grave erro em reportagem, mas depois corrigiu a informação, reconhecendo que "a prefeitura pagou menos do que o previsto no edital de licitação" (www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/10407200206.htm). Obviamente, a correção de valores não modificaria isso. Diferentemente desse caso, muito bem esclarecido, a senadora Marta cobra lisura, transparência e planejamento na implantação de ciclovias na cidade, já que, este sim, é assunto investigado pelo Ministério Público.

MONTSEBATT BEVILACQUA, assessora de imprensa da senadora Marta Suplicy (Brasília, DF)

Conspiração gourmet

Não sou conspiradora, nem mesmo a favor do impeachment da presidente Dilma, como fazer, lamentavelmente, a reportagem "Conspiração gourmet" ("Poder", 6/3). Atendi ao convite de Flávio Bierrenbach para almoço com amigos. Não sabia tratar-se de encontro político e muito menos de conspiração. Estou indignada por terem usado no texto o nome de meu marido Carlito Maia e sua história. Lamentável.

MARIA TEREZA RODRIGUES (São Paulo, SP)

Realço o contraste que há entre dois bons textos publicados no domingo: a determinação de um pai que se aposentou como vigia e vive com a família em uma barraca com dois quartos e uma UTI improvisada, com renda de R\$ 2.000 de aposentadoria mais Bolsa Família ("6 anos de solidão", "Cotidiano", 6/3); e a "conspiração gourmet", mostrando ex-ministros e advogados em restaurante nos Jardins. Essas refeições seriam suficiente para pagar a dívida do vigia. Quisera Deus que estes afortunados o percebessem.

VITOR PILEGGI SOBRINHO (Ribeirão Preto, SP)

A chamada "conspiração gourmet", que reúne as "cabeças pensantes" do pedido de impeachment de Dilma certamente soam em criar no Brasil uma "ilha da Fantasia" ("Mundo", 6/3). É sempre assim, enquanto a classe trabalhadora sofre os reverses das crises, os ricos fazem reuniões em recantos abastados, nos quais os trabalhadores só entram para limpar os pratos. O "andar de cima" nunca vai se conformar com as políticas de inclusão, cria zonas de exclusão e reafirma seu sentimento de superioridade numa eterna luta de classes.

PAULO ROBERTO PEDROZZO ROCHA (Dourados, SP)

América Latina

Sobre a chamada "Justiça ameaça dez presidentes e ex-líderes da América Latina" ("Primeira Página", 6/3), onde está a ameaça? Um dos poderes do Estado não ameaça o chefe de outro poder — nenhum parlamentarismo é citado na reportagem em "Mundo". Em respeito à interdependência, os judiciários dos oito Estados citados processam, quando cabível e devidamente autorizado segundo as regras locais, aqueles que estão envolvidos em escândalos.

GUSTAVO FERREZ DE CAMPOS MORAES (São Paulo, SP)

O pontapé inicial

EDMILSON

Estou participando de uma nova seleção. Trata-se do Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro, instalado recentemente pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol), para o qual eu tive o prazer de ser convidado. Como ex-jogador, fico feliz por ser lembrado ao lado de grandes atletas campeões do mundo, como Ricardo Rocha e o eterno capitão Carlos Alberto Torres.

Sabemos o quanto é difícil dar o primeiro passo. Cada "começo de partida" gera ansiedade, um desejo de ser bem-sucedido, ainda mais quando essa nova etapa diz respeito ao esporte ao qual tenho me dedicado, que proporcionou os mais intensos momentos de minha vida.

Minha primeira impressão do comitê foi ótima. Senti-me pertencendo a um grupo de pessoas apaixonadas, entusiasmadas, que querem colaborar para promover transformações que modernizem o futebol brasileiro. Esse também é o anseio da entidade, que teve a coragem de instalar o comitê e está disposta a implementar todas as mudanças necessárias.

Inspirado no formato adotado pela Fifa para revisão de seus processos, o comitê é uma iniciativa inédita na América do Sul e adota os mais modernos conceitos na busca de soluções para a gestão da CBF, bem co-

O comitê de reformas da CBF reúne pessoas apaixonadas, entusiasmadas, que querem promover transformações que modernizem o futebol

mo para o futebol brasileiro. Seu papel é avaliar, discutir, propor e acompanhar uma agenda de melhorias nos âmbitos de ética e transparência, governança e gestão, sustentabilidade e modernização do futebol.

Ainda que esse núcleo seja fundamental para iniciar o processo e organizar as atividades, é preciso que a sociedade participe. Aos três ex-jogadores coube a responsabilidade de dar início a um grande debate a respeito do calendário do futebol nacional.

Na primeira reunião do comitê, ficamos sabendo que a CBF recebe, a cada mês, uma média de seis diferentes propostas de calendários oriundos de federações, clubes e, especialmente, torcedores. Isso dá uma ideia do trabalho que teremos pela frente.

Eu aceitei esse desafio pois sinto-me também responsável pela qualidade do nosso futebol. Não sou do time dos "Derrotados Futebol Clube", que só criticam e reclamam: quero propor, ajudar, contribuir.

Campeonato de mau humor nunca me empolgou. Ninguém muda nada tendo como motivação o descredício. Minha carreira sempre foi marcada pela fé, superação, dedicação e tenacidade. É assim que vencemos. É assim que evoluímos.

Vou abraçar o trabalho do comitê de reformas e lutarei pelas mudanças com a garra que sempre tive, respeitando o espírito de equipe. Trata-se de uma boa causa, e as boas causas me motivam. Foi assim com a Fundação Edmilson, que exerce suas atividades há mais de dez anos.

Aos torcedores e amantes do futebol, fica meu pedido para que participem pelos canais oferecidos pelo comitê. Já é possível opinar sobre o Estatuto da CBF e o Código de Ética, que pela primeira vez estão sendo debatidos de forma pública e transparente.

O pontapé inicial foi dado. E você está convidado a participar. Acesse o site do comitê (www.cbf.com.br/comitedereformas), vá ao campo "temas e documentos", analise e deixe sua opinião. Ajude a construir o futuro do futebol brasileiro.

JOSÉ EDMILSON GOMES DE MORAES, 79, ex-jogador de futebol, foi pontapé inicial para a seleção brasileira em 2002. É integrante do Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro